



GIL VICENTE

Semanário monarchico-integralista
(Literário e Noticioso)
Órgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMMERÇO

Director:
D. José Ferrão.

Adm. e Editor:
Domingos Ribeiro.

Comp. e imp.: MINERVA TIBBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36 — GUIMARÃES

VISITAÇÃO
*Paradise! siete arripelones
Ala pegaron á la entrada
A uno de los rascos
Vaqueito*

Fez anos no dia 5 a republica. Foi mais um ano de incertezas e de receios; mais um ano de dura experiencia republicana a comprovar a incompetencia dos homens do poder. Pois bem: saibamos nós afirmar ao pais inteiro, a todos os portugueses, a nossa fé inabalavel no Integralismo Lusitano — porta-voz das necessidades nacionais.

Que todos os integralistas, que todos os bons e lias portugueses ponham bem alto o Pensamento no próximo dia de Amanhã — Esperançoso e cheio de Justiça! Saibamos esperar e confiar! "Evagar que temos pressa!",

13 ANOS DEPOIS...

A NOSSA COMEMORAÇÃO

A data de 5 de Outubro só é festejada por alguns republicanos. São aqueles para quem a ré-publica tem sido prodiga. Para o resto do País, para Portugal, o 5 de Outubro é uma data de morte, de asfixia, de violencias sem nome. É o rolar vertiginoso para um insondavel abismo, é como que um espectro que, depois de ter semeado a mãos cheias a fome e a chacinha, aparece ainda cinicamente a espalhar a desolação, o mal, a ruina.

Tem sido esta a obra dos ultimos 13 anos. Depois do palavriado balofo dos comícios, da propaganda nefasta, a realidade cruel que leva uns a clamar: *esta não é a republica que nós sonhamos*, e outros a julgarem-na melhor que o que a faziam imaginado.

E, assim, com o contentamento dos apaniguados, com a repulsa dos homens honrados e do país inteiro, a republica tem vindo, de quedá em queda, arrastando a Nação ao caos, á desorganização, á anarquia com que já nos debatemos.

Culpa dos homens? Talvez! Mas culpa, grande culpa, do regime.

Nós somos inimigos irreconciliaveis da republica, porque amamos enternecidamente a nossa terra que desejamos ver respeitada e engrandecida. E não nos importamos que nos chamem reacionarios, porque o somos. E reacionarios porquê? Porque reagimos contra o crime, contra a perversão das democracias, regimes intolerantes e sectarios, onde o direito de pensamento e de opinião é o que se tem visto, onde as garantias individuais são letra morta e onde os interesses nacionais andam á mercê dos caprichos de uns, da vaidade de outros, do histerismo caprichoso da maioria.

Que pensarão hoje nos seus tumulos os Cesares, — desde o que foi morto no Forum junto á estatua da Liberdade, até aquele Ivan, o Terriovel, que trouxe a Russia fermentando odios sob o flagelo barbaro do seu dominio, — a respeito destes regimes de paz, amor, liberdade, igualdade e fraternidade? Que dirão a isto os românticos declamadores da Convenção, com a alma abraçada em amor pela Humanidade a quem criaram o inferno moderno que convencionalmente os calculistas souberam aproveitar como paraíso?

Mentira a liberdade, mentira o direito, mentira a nobreza do pensamento que a civilização deu ao homem para o erguer acima dos animais que se despedaçam á ordem dos instintos, mentira a igualdade, mentira essa fraternidade cantada em prosa e verso, mentira todo esse castelo



A's a r m a s !

*Velou a face o Senhor Deus de Anrique,
A sombra vai cobrindo a Terra inteira:
Não é de Portugal esta bandeira
Foi outra a erguida na manhã de Ourique.*

*— Que sobre ti Meu Reino se edifique...
E a voz de Deus perda-se na poeira...
Não é de Portugal esta bandeira
Foi outra a erguida na manhã de Ourique.*

*Rasga os versos, Camões! Vamos morrer...
Ainda ao menos sei o meu dever,
O' voz dos mortos que o meu sangue alarmas!*

*P'la Lei antiga, apelidando a guerra,
Contra a moirama que enche a nossa terra,
Contra a moirama, Portugal, ás armas!*

LUIZ D'ALMEIDA BRAGA.

de cartas que os enciclopedistas se entre-tiveram a levantar para a Revolução cimentar com sangue e lagrimas e que os tempos modernos derrubam implacavel, despiadadamente, com o martelo duro e firme de realidades tremendas.

As democracias suicidam-se hoje como se suicidaram no mundo antigo. Estremecem, agonizam, morrem á luz da grande orgia de sangue e sensualidade, que é toda a sua principal base, mostrando ao mundo na flamula afogada das chamas que lambem as Patrias e devoram os povos, o que é a fera-homem solta de peias, livre de preconceitos morais, viva que a si propria se morde na raiva frenética dos desejos, da cupidez, da inveja e do orgulho insatisfeitos.

A nossa comemoração é esta. Sem greves como as que se projectam nos caninchos de ferro, sem bombas que matem indefezas criaturas, mas simplesmente pondo a descoberto a chaga purulenta que corroí o corpo da Nação desde a data fatidica de 5 de Outubro de 1910.

E é que se tem passado entre nós desde essa data? O que tem feito e o que é a

REPUBLICA?

— O regimen gizado nas cavernas maçonicas (art.º 283.º do Código Penal) á luz da moral da bomba, alicerçado no assassinato de S. M. o Senhor D. Carlos e do Principe Seu Filho e apresentado ao publico pelos seus magnates, no palavriado insolente dos comícios, como o regimen ideal da Verdade e do Bem, isto é, dos ovos a vintem a duzia, do bacallur u a patoco, do arroz a vinte e cinco, das casas de graça, das extinção dos impostos, etc. — afirmações estas que, ou colocam os seus auctores na situação de portadores de uma estupidez inominavel ou lhes conferem, no caso de consciencia da mentira, e, portanto de má fé, o attributo elevado de vigaristas famosos;

— O regimen em que o seu ex-presidente Almeida defendeu entre as classes operárias apontando-lhes como «exemplos beneficos e santos (sic) grêves monstros paralisando o trabalho» e pões republicanos de dinamite «fazendo saltar meia duzia de fabricas pelos ares»;

— O regimen em que o mesmo ex-presidente extinguiu nas escolas o ensino da doutrina cristã—quem a pratica não faz bombas!—afirmando que «o ensino dos dogmas é incompativel com o pensamento «demagogico» (sic) que deve regular a instrução»;

— O regimen em que ainda o mesmo ex-presidente Antonio Zé receitou liberalmente, desumanamente para os monarchicos que tivessem fome ou frio ou sede, respectivamente, «balas, polvora a arder e agua raze», receita que não caiu em saco roto e cujo sabor dezenas de monarchicos tem experimentado;

— O regimen em que o Sr. Afonso Costa, o Principe dos Dollars, abundando nas ideias do dito Sr. Almeida, incitou a canalha das ruas contra os monarchicos pedindo para estes o «gato de nove rabos».

— O regimen que «nega o eterno absurdo da hereditariedade» sem se lembrar que até no mundo dos irracionais são preferidos os animais de raça;

— O regimen em que o Sr. Brito Camacho declarou a pele do contribuinte «Asiática»;

— O regimen que se propõe—disse-o Afonso

A CAMINHO DO RESGATE

Apoz a tempestade vem a bonança — já diziam os nossos antigos. Camões, também afirmava no seu imorredouro Poema, dedicando umas estâncias ao reinado infeliz do formoso, mas feminino D. Fernando:

Depois de procellosa tempestade,
Noturna sombra e sibillente vento,
Traz a manhã serena claridade...

Agora eu, orientado pelo mesmo quasi proverbio, digo ao assistir á transformação, embora ainda muito lenta, que se está operando na Europa, apoz o catolicismo de 1914:

— Parece que o velho-mundo, já cansado de tanta «igualdade», de tanta «fraternidade» e de tanta «liberdade», quer voltar á brilhante e cristianissima época medieval, — época para os séquizes da Revolução Social, cheia de fanatismo, escravidão e tirania... «em que o homem estava por toda a parte a ferros», como bradava o jacobino Rousséan.

Pobres d'elles! Dirí como o Martir do Golgota no alto da Cruz, erguendo, num gesto de piedade, os olhos ao ceu, ao ser cruelmente maltratado e blasfemado, pela impia e pagã gente: — Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem. —

A Europa toda (digo, todas as nações da Europa, á excepção da Russia soviética) caminha para o campo do Tradicionalismo. E foi da velha e gloriosa Roma, da historica Italia dos grandes musicos, do país encantado das Maravilhas Primitivas, que, aquecida á luz sacrossanta da fé e da Religião, appareceu a forte e bendita Cruzada do Resgate, que se propôs a salvar a Europa.

Foi Mussolini o iniciador desta bela e admiravel Cruzada que com o seu «facismo» soube impôr neste momento d'ambigões mesquinhas e abjectas, e de odios horrendos e sangrentos, a todas as nações, o respeito e veneração pelo seu paiz.

Agora é a Hespanha numa attitude dignificante, erguendo-se victoriosa e esmagando a vibora maldita do separatismo que na sombra a torturava, matando-a lentamente...

Sem duvida, da Hespanha virá para Portugal... A França de S. Luiz e Santa Joane d'Arc está também a caminho desse Ideal rutilante e todo de graça e luz! A denodada pleiade daquelles que, nobre e valorosamente,

trabalham na «Acção franceza» não abandonará, nem um momento a terra ditosa e amada dos seus Maiores.

A Europa inteira tenta regressar, de novo, ás suas antigas instituições.

E' a voz sobrenatural e profética dos seus filhos mais queridos e mais illustres, no seio dos tumulos, invocando o Passado mais brilhante das suas Patrias.

O final deste meu humilde artigo vou dedicá-lo á minha lusa Patria, aos meus irmãos no mesmo Ideal e a todos Aqueles que, porventura, tenham um pouco de amor pela Historia de Portugal que é a vida luminosa dos nossos Antepassados igrejos. E' um nunca acabar — a obra demolidora da republica.

Tem ela feito dest' bom povo, escravos da sua preversa demagogia. E a republica criando a demagogia, fez do forte um despot'a terrivel e implacavel, e do fraco um timido, — um escravo.

A familia portugueza está desmoralizada.

O egoismo assentou, arraias no antigo campo da honra e da dignidade.

Tudo caminha velozmente para o cahos da perdição...

No entanto, há, felizmente, a «tabua» da salvação.

Ainda não se perverteu de todo a Grae de D. João II...

A doutrina integralista — é a unica — a unica! — sementeira que pode produzir bom e fecundo fructo em todos os espiritos dos portuguezes que amam devotamente a sua Terra.

Tanto faz dizer doutrina integralista como doutrina nacionalista, porque tudo é a mesma coisa. Queremos o bem da Patria e a felicidade da grande Familia portugueza.

Para isso é preciso acabar com as perniciozas doutrinas liberais e revolucionarias; derrubar um regimen que é contrario aos saos principios dum povo de nobres e, honrosas tradições; e finalmente, mandar castigar em praças publicas, todos aquelles que tem feito na Patria de D. Afonso Henriques as piores atrocidades e os mais criminosos vandalismo. Só assim é que Portugal poderá salvar-se, resgatar-se!

Só assim é que teremos paz e concordia neste desgraçado paiz.

Ano da Graça, 27—9—1923.

Ruy Galvão de Carvalho

co», também conhecida por ministerio das subsistencias;

O regimen do contrato Furness a que Cunha e Costa chamou «a maior das ladroirias politico-financeiras de todos os tempos em que as luvas que dele previeram foram de cem botões»;

O regimen dos Transportes Maritimos em que a roubalheira ascende a 60 ou 70 mil contos;

O regimen... mas para que havemos nós de continuar a desfiar o rosario interminavel das virtudes, qualidades e graças da republica?

Não vale a pena...

O critério é este: quando for cometido mais um crime; quando se tornar publico o mais um escandallo; quando o contribuinte gritar ainda mais; quando o fisco de mais uma bernarda se fizer sentir; quando soar uma mórada ou um tiro; diz-se assim: Eis a republica! A republica é isto, tudo isto, nada mais do que isto!

Mas a aurora nova ha-de surgir das cinzas amassadas em piedade e respeito pelos que choram, pelos que esperam, pelos que caíram na terra, victimas do mais forte, neste concerto pavoroso de materialismo que as democracias instilaram no individuo como um veneno de morte, que empesti o ar cheio de gemidos dos que choram, e dos gritos de revolta dos que pedem Justiça.

Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINCIPE»

Capitulo III.

O PROGRESSO

E agora já o leitor se acha habilitado com principios suficientes para que possa resolver por si mesmo um grande ponto de doutrina social ou politica, em que actualmente muito se fala, mas que ainda até agora se não acha bem detenido.

Ha hoje huma especie de termo tecnico de sentido equivooco, ou pelo menos indeterminado, com que os regeneradores procurão justificar todas as mudanças, porque vão fazendo passar as sociedades, pouco mais ou menos como os antigos philosophos recorrião ao *horrer do vacuo* de cada vez que se vião embaraçados com algum phenomeno natural de que se lhes pedia explicação, e que elles não podião comprehender: he o *progresso*. Pretende-se que o caracter das instituições deve dizer com o espirito do seculo: e partindo de huma ideia tão vaga, por mais extravagante e ruinosa que seja qualquer mudança que se projecte, em se lhe chamando *progresso*, está não sómente explicada, senão ainda legitima e até santificada. Assim, quando huma facção essencialmente revolucionaria, e em todo o caso altamente immoral, destruiu a veneravel constituição, porque nossos avós tinham sido tão grandes e tão temidos no mundo, e lhes substituiu a quella que está hoje fazendo a miseria e a desgraça da monarchia, appellou-se para o espirito do seculo e disse-se que isso era *progresso*: quando nas cortes de 1835 se propoz a abolição do celibato ecclisiastico, a espoliação absoluta do clero, e o estabelecimento de huma igreja lusitana independente de Roma, chamou-se a isso o *progresso*; e agora que se trata de fazer de Portugal huma provincia de Hespanha, a titulo de não sei que federação de republicas, chamada Estados Unidos Peninsulares, chama-se também a isto *progresso*.

Entendamo-nos por uma vez. Quando se trata da civilização das nações, ou não ha verdadeiro progresso e nem verdadeiro regresso, ou o que se chama progresso he muitas vezes regresso

e *vice versa*: porque os diferentes passos que uma nação póde dar na carreira da sua perfectibilidade politica, em vez de formarem, como erradamente se pensa, huma linha recta cujas extremidades nunca se podem tocar, e onde cada ponto que se vai seguindo jámais póde tornar a cahir no que se deixa, não formão senão huma linha curva, e até hum verdadeiro circulo em que o mesmo espaço andado he sempre corrido de novo, enquanto ha movimento. Por outras palavras: o andamento progressivo da civilização das nações ha de ser sempre o mesmo, porque he a consequencia necessaria da natureza do homem, que também não póde mudar.

Cinco são as épocas notaveis da natureza, que correspondem a outras tantas mudanças na marcha da civilização, e so mão o que se chama *progresso*.

Primeiramente a natureza humana he *crua*, e apenas se desceja o *necessario*; dai a pouco *severa*, e já se procura o *util*; mais tarde *amenal* e começa a pretender-se o *comodo*; pouco depois *delicada*, e sente-se a necessidade do *aprazivel*; finalmente *dissoluta*, e tudo se precipita no *lucro*.

A primeira época he a dos *heros*; e estes fundão as nações (os Romulos e os Theseos); a segunda dos *magnanimos*, mas orgulhosos, e estes estabelecem as aristocracias (os Aquilles e os Coriolanos); a terceira dos *generosos*, mas nivelladores; e estes preparão as democracias (os Aristides e os Publicolas); a quarta dos *ambiciosos* e conquistadores; e estes fundão as monarchias (os Cesares e os Pisistratos); a quinta dos *dissolutos* e oppressores, e estes servem para destrui-las (os Neros e os Caligulas). Então tornão a cahir as coisas no mesmo estado em que se achavão na primeira época, e a sociedade torna a passar por uma nova serie de mudanças, igual á que fica descripta.

Assim, a marcha de qualquer povo que seja, na carreira da civilização, foi e hade ser sempre a mesma, porque foi estabelecida de huma maneira irresistivel pela mão omnipotente do Creator. São inuteis todos os esforços dos utopistas: quanto mais o reformador se esforçar por fazer caminhar a nação pela estrada da perfectibilidade, tanto mais, como Ixion da fabula, hade correr atrás de si mesmo, e ir-se pouco a pouco aproximando daquelle mesmissimo ponto, de que parecia fugir. He hum navegante que vai fazer huma virgem á roda do mundo; as leguas fogem detraz deles a 5 centos e aos milhares; mas quando elle suppunha que se hia apartando infinitamente do ponto donde tinha partido, ei-lo que quando menos o pensa, torna a dar fundo no mesmissimo porto donde tinha dado á vela. Eis-aqui o que diz o Espirito Santo pela boca do Ecclesiastes: «Que é o que hade ser? O que foi. Que é o que se hade fazer? O mesmo que já se fez.»

E este progresso de que fallo he o unico real e verdadeiro, porque é o progresso da natureza; e a sua marcha he essencialmente inevitavel e fatalissima. Talvez se lhes possa dar direcção, ou, pelo menos, accelerar-lhe e retardar-lhe as crises; mas sempre ha de ser impossivel embaraçar-lhe o andamento.

Porém, além deste progresso de natureza, ha ainda outro artificial e facticio, que he aquelle que procurei estigmatizar no principio

deste capitulo. Os progressistas desta categoria pretendem fazer andar a sociedade aos empurrões; porque querem que as nações sejam maduras sem que primeiro tenham sido adultas e meninas. E por isso todos os esforços que fizerem neste sentido, hão de ser não sómente inuteis, senão ainda nocivos; porque o unico resultado que podem ter, consiste em collocar as instituições da nação que os soffre em perfeita contradicção com as suas circunstancias. Ora, em todos os casos desta natureza, no regresso ao estado donde se tinha sahido, consiste o unico progresso admissivel.

A' sombra da Cruz

Pedro Pereira de Freitas

Após poucos dias de cruel sofrimento, fomos surpreendidos na tarde de sexta feira com o falecimento do nosso querido amigo Pedro Pereira de Freitas, estimado commerciante da nossa praça e proprietario

Monarquico dedicadissimo, tendo, por varias vezes, soffrido nas prisões da republica a sua dedicação aos saos principios, nunca deixou de existir a sua alma, sempre alegre, a fé na nossa Resurreicção.

Tendo dirhido durante algum tempo o nosso «amario», encontramos-o sempre, — nós que com ele de perto conviviamos, — decidido a prestar o seu concurso ao renascimento de Portugal.

Morreu! Pobre Amigo! E as nossas preces elevam-se ao Ceu pelo eterno descanso da sua alma generosa e boa.

O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se ontem, pelas 4 e meia da tarde, sendo o cadaver do nosso desventurado amigo conduzido na carreira dos Bombeiros Voluntarios.

O «Gil Vicente» apresenta a toda a familia entada, e muito principalmente a seus estimados filhos, os mais sentidos pesames.

Imprensa

«A EPOCA»

Foi transcrito deste nosso prezado colega de Lisboa o artigo «O incendio contra revolucionario» (Diario de Paris) da autoria do distinto colaborador daquelle jornal que, sob o pseudonimo de «Marloter», tem vindo brillantemente apontando o renascimento nacionalista nos povos latinos, e que publicamos, com a devida venia, no ultimo numero do nosso jornal.

«NOTICIOSO»

A este nosso prezado colega dos Arcos de Val de Vez agradecemos a transcriçáo que fez do artigo «A minha Geraçáo» da autoria do nosso apreciado colaborador e distinto academico snr. Bento Caldas.

«NAÇÃO PORTUGUESA»

Devem ser distribuidos na proxima semana os numeros 9 e 10 desta brillante revista de cultura nacionalista, cuja irregularidade de publicação foi devida a dificuldades da tipografia, que se encontram já completamente removidas.

so Costa—dar cabo do catolicismo—que idiotice!—em três gerações;

— O regimen que deporta, que manda (21 12-910) para a India os Juizes da Relação de Lisboa que se não prestam a ser instrumento infame do seu odio, condenando sem lei um inocente;

— O regimen que não confia no exército, criou uma Guarda Pretoriana colossal, para melhor cavalgar o povo;

O regimen que insulta, pelos seus homens, os officiaes do exercito chamando-lhes «cabides de farda», homens de «durindanas incapazes de brilhar na guerra», «vadios» e «mariolas»;

O regimen da glorificação do regicídio (romagens e discursos ao pé das campas de Buíça e Costa) e da apologia do crime (museu da revolução);

O regimen em que anda em liberdade o assassino (o executor) do presidente Sidonio Pais, depois de consagrado solenemente em Lisboa no Centro Antonio Maria Baptista, pelos defensores da republica;

O regimen em que o chefe do

governo Antonio Granjo foi assassinado pelos seus correligionarios entre vivas estrepitosos á republica;

O regimen que enxovalhou os catholicos, perseguiu ferozmente os padres e ainda *desviou* em seu proveito os bens destinados á sustentação do Culto Católico e do seu clero, num documento infame, a lei da separação (expoliação é que é) a que ha pouco o ex-presidente Almeida deu liberalmente um «viva» esquecido de que já lhe chamara *abominavel e monstruosa*;

O regimen que oficialmente considera S. Francisco Xavier e o P.º Antonio Vieira; porque jesuitas, malfieiros;

O regimen que garante ás mulheres o direito de se prostituirem, mas não lhes consente que professem, se consagrem a Deus e vivam santamente num convento;

O regimen da intervenção na guerra para consolidação da republica, etc.;

O regimen do «carimbo magico» do ministerio da guerra;

O regimen da «caverna do ca-

Ex.º Sr.,